

# CASINHA DA EMÍLIA

## AS CHAMAS QUE AINDA ARDEM



Incêndio que tirou a vida de 12 crianças enquanto dormiam em sala da creche de Uruguaiana completa 20 anos em 2020. Acompanhe nesta reportagem especial uma síntese da retrospectiva dos fatos, da memória dos envolvidos e da situação atual do único sobrevivente e da escola infantil que hoje abriga mais de 100 alunos.

**BRUNA FALCÃO**

“Não é possível!”.  
 “Cadê meu filho?!”.  
 “O pior dia da minha vida”.

As três frases acima foram ouvidas repetidamente, entre choros e gritos, na tarde de 20 de junho de 2000. Mães, pais, avós, irmãos, tios, vizinhos e amigos não encontravam palavras que não fossem de questionamento, indignação e incredulidade. Aquela terça-feira jamais seria esquecida pelos moradores da cidade de Uruguaiana, na fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Por volta das 13h40min da tarde, um incêndio na Creche Municipal Casinha da Emília, localizada na Rua Emílio Brand, bairro Cohab II, deixou 12 crianças mortas, todas da mesma sala e com idades entre 2 e 3 anos. Apenas uma sobreviveu.

A notícia foi disseminada por todo o Brasil e exterior. Uma das

primeiras postagens sobre o assunto ocorreu às 16h49 do próprio dia, na Folha de São Paulo, de texto de Carlos Alberto de Souza e Léo Gerchmann, profissionais do Grupo RBS - em parceria com a Agência Folha.

Um dia antes, na segunda-feira, as estagiárias responsáveis pela sala do maternal 2, Ana Luiza Villela (hoje com 39 anos) e Márcia Catiusa Machado (36), foram autorizadas, pela diretora da creche, Carmem Marília Lopes Borne (67), durante reunião na escola, a saírem para arrecadar doações de brindes para a festa junina, nas proximidades e no Centro. Segundo depoimentos, teria ficado acertado que a servente da escola, Iara Maria Ribeiro (69) assumiria o cuidado

dos alunos enquanto as estagiárias estivessem ausentes.

Os festejos de São João são tradicionais e comemorados em todo o Brasil. Geralmente as escolas fazem programações para marcar a data, com os alunos fantasiados, apresentações de quadrilhas, comidas típicas e quermesses. A festa na creche Casinha da Emília estava marcada para o dia 30 de junho. Havia dez dias para que tudo fosse providenciado.

\*\*\*

Naquele 20 de junho os termômetros marcavam 5°C quando as crianças deram entrada na creche às 8h da manhã. A maioria só sairia às 17h30min. No período de inverno, que costuma ser rigoroso para os uruguaianenses, uma das alternativas usadas para aquecer o ambiente é o uso de aquecedores elétricos. A creche dispunha do equipamento. Por volta das 11h da manhã, as professoras do Maternal 2 conectaram à tomada um aparelho da marca James-Quartz, com cerca de 25cm e potência de aquecimento de 1200w. Preparavam o ambiente para a “hora do soninho”. Logo após o almoço, as crianças seriam levadas ao momento de descanso - e quebrar a sensação de frio e umidade sempre foi uma conduta usual.

Os pequenos foram colocados nos colchonetes distribuídos no chão da sala. Alguns já bocejando, pouco demoraram para dormir. Outros, com mais energia, resistiam em deitar. Um deles foi mais enfático naquele final de manhã. Matheus Bittencourt Rodrigues estava impaciente. Não aceitava nem sentar. Inquieto, ao ser alvo da insistência para o momento de descanso, come-

çou a chorar alto. Com receio de que pudesse agitar os demais ou acordar os que já estavam dormindo, foi levado por uma das estagiárias para o refeitório e lá acalmou-se, sob os cuidados das funcionárias da creche.

Por um bom tempo, o silêncio predominou na Casinha da Emília, como de costume no horário. Às 13h30min, Ana Luiza e Márcia, conforme planejado, saíram para recolher os doativos para a quermesse. Entretanto, ao se retirarem da sala, Iara, que teria sido designada a observar a turma pelas próximas quatro horas, não se encontrava ali. Informaram que estaria no intervalo de almoço. Mesmo assim, elas deixaram a creche e foram atrás dos brindes que se comprometeram em buscar naquela tarde.



Imagem: aparelho aquecedor de modelo semelhante ao que provocou o incêndio



Imagem: reprodução de trecho de notícia publicada no jornal Cidade de Uruguaiana

## O CHAMADO PARA O 193

No momento em que receberam a primeira ligação, às 14h15min, sobre o incêndio na creche Casinha da Emília, nenhum dos que estavam na escala do Corpo de Bombeiros poderia imaginar que aquela seria uma

das piores e mais difíceis ocorrências de sua vida. O sargento José Antônio Alves (63) foi quem assumiu o telefone da Sala de Operações do Corpo de Bombeiros de Uruguaiana. O aparelho não parava de tocar. “Quan-

do atendi o primeiro chamado, eu não imaginava que poderia ter crianças envolvidas, foi terrível demais”, relembra o sargento, hoje na reserva.

Na sede da Corporação havia dois caminhões de combate dos modelos mais antigos, que não são mais utilizados. No caminhão se deslocou o comandante Pinto Motta e o motorista - mas logo viu-se que seria necessário reforço, devido ao número de vítimas. O tenente Valderi Rodrigues Sauzem (50), imediatamente, ligou para a base. Foram até o local, então, os sargentos Newton Nery e Rolim. Ao chegarem no bairro Cohab II, a equipe se deparou com um cenário devastador. “Era tanta gente chorando e pedindo notícias”, recorda Sauzem, hoje na reserva.



Bombeiros que combateram o incêndio na creche Casinha da Emília: Sargento Raul, Sargento Alves, Sargento Newton, Tenente Sauzem, Sargento Correa e Sargento Rolim. Todos hoje na reserva  
 Foto: Facebook/ Marcia Machado

20/06/2000 - 16h49

### Incêndio mata 12 crianças em creche do RS; há suspeita de negligência

CARLOS ALBERTO DE SOUZA  
 LÉO GERCHMANN, da Agência Folha, em Porto Alegre

Um incêndio ocorrido no começo da tarde desta terça-feira (20) em uma creche de Uruguaiana (RS) matou 12 crianças entre 2 e 3 anos. Há suspeita de negligência.

A creche municipal Casinha da Emília ficava na vila popular Cohab 2, e era composta de crianças filhas de famílias de baixa renda.

De acordo com os bombeiros de Uruguaiana (634 km a oeste de Porto Alegre), a causa provável do incêndio foi um curto-circuito em uma das estufas (aquecedor de ambiente) que estavam ligadas na sala principal do prédio.

Imagem: reprodução de trecho de notícia publicada no jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2818.shtml>

## A TEMIDA CENA

Sauzem precisou ser rápido, como em toda ocorrência envolvendo fogo. Entrou na sala do Maternal 2 e enxergou os corpos, agrupados na extremidade direita da sala. “Estavam seis crianças em um cantinho, perto da porta”, descreve. As que se amontoaram foram as que menos sofreram queimaduras; as demais tiveram o corpo carbonizado, com difícil identificação.

O foco que deu origem ao incêndio partiu da esquerda de quem entra na sala, onde uma peça de tecido teria se desprendido de um dos ganchos e caído sobre o aquecedor que estava posicionado no piso. O laudo pericial deixa claro que a instalação elétrica do prédio não teve influência no incêndio.

O calor gerado no aquecedor, ligado desde o final da manhã, foi o principal fator que provocou o fogo, aliado ao material combustível que caiu sobre ele. As portas e janelas estavam totalmente fechadas, o que reduziu a oxigenação do ambiente, em razão de não haver ventilação na sala. A sala, de 18,90m<sup>2</sup>, possuía no máximo 20% de concentração de oxigênio, resultando em uma propagação lenta do fogo - o qual ninguém percebeu quando começou. Além disso, itens de fácil combustão alimentaram e propagaram as chamas, o que gerou uma intensa produção de gases, como o monóxido de carbono, altamente tóxico e letal.

O fogo somente foi constatado pelas funcionárias quando era tarde demais. Janelas e portas se romperam e as chamas que passavam através delas anunciavam o pior: era impossível adentrar a sala onde estavam dormindo, sozinhos, os 12 alunos do Maternal 2.

A servente Giomar Nazzizeno Martins (62) foi a primeira perceber a situação e logo correu para a cozinha em busca de um balde de água para tentar apagar o fogo. Também agiu nesse primeiro momento o carpinteiro José Batista da Silva (54), que notou que não havia extintores de incêndio no local.

O desespero tomou conta de todos naquele instante. As professoras gritavam sem parar, vizinhos tentavam ajudar com baldes de água, alunos de outras salas foram levados para uma escola próxima, curiosos se reuniam em frente à creche, a rádio local já informava sobre o incêndio e fami-

liares eram avisados às pressas.

Nivaldo Marengo Morton (58) tinha acabado de chegar de Porto Alegre, quando foi avisado, por volta das 13h40min, que precisava se deslocar até a creche Casinha da Emília, pois havia crianças machucadas. Ele que era responsável por todas as viaturas da Secretaria de Saúde, tinha uma vasta experiência em situações de emergências. “Quando cheguei fui direto para as salas e lá, com a ajuda do médico-legista Ivaí e dos bombeiros, fomos retirando os corpos. Colocamos um edredom molhado sobre elas para que ninguém visse aquela cena terrível”, lembra.

A ajuda de Morton foi de extrema importância naquele dia, pois foi ele quem levou os familiares até necrotério e organizou o deslocamento dos corpos para o enterro. Cada vez que fala sobre o incêndio é como estivesse revivendo tudo novamente “Eu me lembro como fosse hoje, uma cena de cortar o coração, porque quando existe crianças envolvidas aí, sim, te pega”, salienta.

Depois da tragédia, o motorista procura ficar atento às situações que envolvam crianças, principalmente quanto a segurança de seus netos nas escolas “Sempre fico de olho se as escolinhas estão corretas e ainda falo que com criança não se pode tirar os olhos”, ressalta.

A artesã Márcia Copello Salgueiro (50) estava no ônibus, voltando para casa, quando escutou no rádio que a creche em frente à sua residência estava pegando fogo. “Eu achei que o incêndio tivesse sido no prédio, ninguém imaginava que era na sala. Quando eu cheguei vi um monte de gente com baldes, tentando ajudar, e aquilo me angustiou”, comenta. Márcia ficou com o coração apertado ao ver aquela cena.

Esse mesmo sentimento tomou conta de muita gente. Com 30 anos de Polícia, Rinaldo Castro, na época tenente da Brigada Militar, confessa que assim se sentiu ao chegar no local para fazer o policiamento. “A comoção era muito forte. Mesmo eu sabendo que meu filho estava seguro em casa, era essa a sensação que a gente tinha e todos tinham pela tamanha dor dos pais. Eu tive que ir para casa ver meu filho, para ter a certeza de que ele estava bem, porque a sensação de perda tomou conta das pessoas”, confessa.

O radialista Egídio Carvalho (53) chegou ao local antes mesmo de muitos pais. Ele estava em um estabelecimento comercial quando recebeu a pauta do incêndio na creche, avisado de que poderia haver várias crianças como vítimas fatais. “Não é possível! Isso é uma coisa descabida. Como 12 crianças vão morrer assim?!”, se perguntou, não acreditando naquela informação. Prontamente foi para o local em busca de esclarecer os fatos. Na creche o tumulto era grande, pois a vizinhança tentava ajudar de alguma maneira. Enquanto isso, mães, pais e familiares chegavam em busca dos seus pequenos.



Morton foi solidário com familiares das vítimas do incêndio  
Foto: Bruna Falcão

Clenir dos Santos (58) foi uma das últimas mães a chegar na creche. Buscaria Natiele Montanha Santana, 2 anos. Conforme ela, uma criança que apresentava baixo peso e tinha problemas alérgicos. No dia do incêndio, o pai a buscava às 14h para uma consulta médica. Acabou esquecendo do compromisso. O fato motivou a separação do casal. E até hoje Clenir não admite que ninguém tenha percebido o foco do incêndio. “Como que elas não iam sentir cheiro de queimado? Porque quando tu prendes fogo em um papel, tu já sentes o cheiro!”, enfatiza.



Pais de Natiele abraçados ao receberem a notícia do falecimento da filha  
Imagem: Reprodução/RBS TV de Uruguaiiana

Sala de aula após o incêndio  
Imagem: Reprodução/RBS TV de Uruguaiiana

A tragédia se tornaria o assunto mais comentado em todo o país. Emissoras de TV, rádios e jornais não falavam em outro assunto. Todos tentando entender o que havia acontecido para matar 12 crianças em uma mesma sala. Egídio foi um dos primeiros a chegar no local e acompanhou de perto o desespero dos familiares, que chegavam a todo instante. Mas, sem sombra de dúvidas, a pior e mais dolorosa imagem ficaria registrada em sua memória “Nós começamos a tentar abrir e ver qual era a situação daquelas crianças. E quando houve a possibilidade de se ter acesso a onde elas estavam, foi terrível. A cena mais forte que já vi, a pior da minha vida”, conta, ainda hoje emocionado.

Os meios de comunicação concentraram-se rapidamente no local da tragédia. O cinegrafista Edson Severo (55), que trabalhou por 30 anos na RBS TV de Uruguaiana, acompanhou o incêndio e precisou conter a emoção no momento de fazer as gravações. “Na hora em que entrei na sala para fazer as imagens, aquilo que vi me comoveu. Mas eu precisava deixar o sentimental de lado e ter foco naquilo que minha profissão estava exigindo”, comenta. Esse foi o desafio de muitos profissionais naquele dia: médicos, psicólogos, promotores, delegados, bombeiros - precisavam colocar o lado profissional à frente, para poderem cumprir com suas obrigações, por mais difícil que fosse.

O médico Antônio Leandro Silva Paulo, generalista e especializado na área de emergência, estava trabalhando na Unidade Básica de Saúde-16, junto com



“Mas quando cai a ficha, aí sim tu sentes”, comenta o médico Leandro Paulo, que prestou atendimento aos familiares da creche  
Imagem: Reprodução/RBS TV de Uruguaiana

a dentista Doris Delgado Mascia quando percebeu um movimento de pessoas em frente à unidade. Logo quando soube o que estava acontecendo se dirigiu para o local, junto com a dentista e mais uma enfermeira. Como já não havia mais nada o que se fazer com as vítimas, Leandro Paulo resolveu prestar atendimento às famílias e funcionários da creche. O médico prestou assistência desde sua chegada à creche até dia seguinte do enterro.

Utilizou de medicamentos e tranquilizantes antes da notícia oficial ser divulgada sobre as 12 mortes, mas alguns familiares resistiram aos medicamentos. Naquele momento, Leandro Paulo também precisou ser forte e rígido: “Em um primeiro momento nós temos que abstrair o emocional e colocar o profissional à frente, temos que ser frios. Mas quando cai a ficha, aí sim tu sentes. Ver o sofrimento de uma criança é a parte ruim na atividade médica. No adulto, a dor é tolerável”, pondera. O médico teve

a lucidez de pensar o contexto no momento da tragédia e buscar a mediação entre aqueles que estavam trabalhando e aqueles que acabaram de perder seus filhos. “Nós pensamos nas famílias que estavam perdendo e no outro que iria ser culpado, porque de qualquer forma todos iriam sofrer”, considera.



Leandro Paulo segue fazendo atendimento em postos de saúde de Uruguaiana e auxiliando em casos de emergências  
Foto: Bruna Falcão

**Descaso** - Quando o incêndio começou, a diretora da creche Casinha da Emília, Carmem Marília, não se encontrava no local. Segundo os depoimentos, ela dificilmente permanecia na instituição. A principal reclamação das funcionárias era, em grande parte, essa ausência, interpretada como “descaso”.

Apurou-se que, naquele horário, ela estaria em um salão de beleza. “Ela chegou com tinta nos cabelos, toda enrolada no papel laminado, isso não fui só eu que vi. Todo mundo que estava ali viu”, lembra uma das mães vítimas do incêndio, Sandra Prates. A diretora foi alvo de muitas críticas, já que era encarregada pelo local e concedeu a autorização para as estagiárias saírem da sala de aula. “Quando eu a vi, só pensei em bater nela”, relembra outra das mães, Clenir dos Santos.

As 18 funcionárias que estavam na hora do incêndio, foram

imediatamente afastadas. As aulas ficaram suspensas por 60 dias, até que a reforma da sala fosse realizada.

**Reconhecimento** - Os corpos das 12 crianças foram encaminhados para o necrotério do Hospital Santa Casa de Uruguaiana, onde foram colocados em cima de macas largas de alumínio. No lado direito, os meninos; no esquerdo, as meninas. Para fazer o reconhecimento, entravam somente os familiares das vítimas, de preferência quem tinha vestido a criança pela manhã, mesmo que restassem somente pedaços das roupas. “Eu fiquei transtornada de ver as crianças daquele jeito, uns estavam queimados por causa do fogo, estavam somente os ossinhos. A minha reconheci bem rápido, porque ela estava entre aqueles que estavam abraçados”, comenta Clenir.

**Luto estadual** - O governador da época, Olívio Dutra, decretou luto oficial por três dias. Na manhã da quarta-feira, o silêncio e a tristeza tomavam conta da cidade de 120 mil habitantes. O enterro coletivo das primeiras seis vítimas aconteceu às 10h. Uma hora depois saiu o segundo. Todas foram enterradas em um mesmo local, no Cemitério de Uruguaiana, onde estão até hoje. Desde então, o jazigo coletivo tem sido visitado por diversas pessoas, que ali comparecem para fazerem orações pela alma dessas crianças. Na capela são feitas preces, pedidos de proteção e também são distribuídos doces.

**Nota oficial** - O prefeito Neto João Antônio Bonotto (PP), de Uruguaiana, lançou naquele mesmo dia nota oficial lamentando a tragédia, determinando providências cabíveis para a apuração dos fatos e o imediato afastamento da direção e corpo funcional da creche e instauração de inquérito administrativo, e que as famílias envolvidas teriam ampla assistência da administração municipal e que ficariam suspensas as atividades enquanto se estendessem o luto oficial na cidade.



Diretora da creche precisou ser retirada do local, já que estava sendo agredida por moradores  
Imagem: Reprodução matéria do Jornal Cidade



Legenda: Jazigo coletivo das 12 crianças no cemitério de Uruguaiana  
Foto: Bruna Falcão

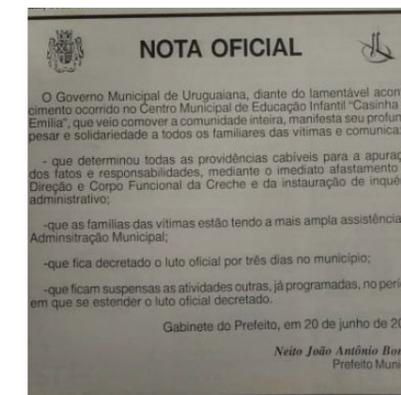


Imagem: Nota oficial publicada no jornal Cidade

A Justiça considerou culpadas Iara Maria Ribeiro e Carmem Marília, que foram condenadas pela 1ª Câmara Criminal do Tribunal de Justiça por homicídio culposo. As causas do homicídio culposo são norteadas pela negligência, imprudência ou imperícia, conforme o artigo 121, p. 2-4 do Código Penal Brasileiro.

Iara Maria recorreu da decisão que determinou que cumprisse dois anos de detenção, trocada por prestação de serviços à comunidade. Uma de suas ale-

gações foi a de que se recusou a ficar responsável pelas crianças pois a diretora Marília não havia lhe comunicado nada a respeito. Acabou cumprindo uma hora de tarefa por dia de condenação e o pagamento de 20 dias-multa no valor, cada um, de 1/5 do salário mínimo à época do fato, corrigido por causa do cumprimento.

Carmem não recorreu e também prestou serviços à comunidade e o pagamento de 15 dias-multa, à razão de 1/5 do valor do salário mínimo.

Também foi denunciada pelo

Ministério Público a estagiária Ana Luiza Souza Villela, mas depois absolvida pela Justiça de Uruguaiana. Já a estagiária Márcia Catiusa Machado não consta no processo, pois na ocasião era menor de idade.

Entramos em contato com Carmem, mas ela alega não poder prestar informações por não estar autorizada por seus médicos a falar sobre o assunto. Não conseguimos contato com Ana Luiza, Marcia e Iara.



Imagem: Matéria publicada no jornal Diário da Fronteira

A creche Casinha da Emília estava localizada em um bairro considerado de baixa renda da cidade, atendendo famílias de poucos recursos financeiros. Mesmo que seus filhos nunca mais voltassem, a busca por justiça diante da tragédia era uma forma de amenizar a dor dessas pessoas. Passados alguns meses, foi deliberado a respeito das indenizações para os familiares.

A solicitação das indenizações aconteceu no dia 31/03/2002, onde 22 pais foram contemplados com as indenizações, mas somente em 2012, o pedido do recurso foi assinado e finalizado. Portanto, o valor das indenizações foi incluído no orçamento das entidades de órgãos públicos.

O Ministério Público Estadual, através de ação civil pública, conseguiu que o município pagasse um salário mínimo por mês aos familiares a partir da data em que a vítima completasse 14 anos até a data em que teria 25, como reparação pelos danos morais sofridos. Outra decisão judicial fixou uma indenização a cada pai ou mãe que entrou com o pedido em 125 salários mínimos corrigidos na data. Os pagamentos do salário mensal foram incluídos na folha de pagamento do município e são repassados às famílias desde então.

O valor da indenização ainda não foi pago. O processo está sendo julgado desde 2012 e em 2013 foi expedido o precatório pelo advogado dos familiares, Pacífico Luiz Saldanha, encarregado apenas pela ação judicial. Procedimento dividido em diversos pontos, começando pelo protocolo inicial e passando a ter um grande tempo para a decisão



Saldanha é o advogado e encarregado pela decisão das indenizações  
Foto: Bruna Falcão

do juiz. O precatório das famílias é o número 424 na fila para pagamento. Segundo o advogado, ainda não há previsão para a quitação desse valor, pois a prefeitura deposita um valor abaixo do esperado para a realização dos pagamentos. Entretanto, com a nova lei do Supremo Tribunal Federal, os municípios de todo o país têm até 2024 para fazerem a quitação de todos os precatórios. "Caso contrário, a prefeitura pode sofrer consequências", adverte Pacífico.

Em 2017 foi criada a Câmara de Conciliação de Precatórios, visando acelerar o pagamento da dívida do Estado com os precatórios. A finalidade é viabilizar acordos diretos entre os municípios e seus credores, assim fazendo um abatimento da dívida em favor do município e antecipando o pagando dos valores. Trata-se de um dos instrumentos previstos na Emenda Constitu-

cional nº. 99/2017, para que os entes públicos quitem o estoque de precatórios até a data-limite estabelecida.

Quem quiser aderir à conciliação por meio de negociação e antecipar o recebimento do valor precisará abrir mão de 40% do valor do precatório. Caso contrário, permanecerá na fila, à espera da quantia integral. Conforme o advogado dos familiares, o desconto é muito grande e seus clientes não estão aderindo a esse acordo. Apenas uma mãe já recebeu a indenização, porque completou 60 anos e se enquadrou entre os casos de pagamento prioritário (idosos, portadores de doença grave ou pessoas com deficiência). A quitação é feita pela ordem de apresentação do título, isto é, do mais antigo ao mais novo. Atualmente há 56,9 mil precatórios que aguardam pagamento pelo governo do Estado.

*Das 12 crianças mortas no incêndio da creche Casinha da Emília, nominamos oito, com idade e filiação e destacamos quatro, com os relatos atualizados de suas mães.*



### GIOVANI QUIS IR À ESCOLA

**GIOVANI CAMARGO  
DA ROSA  
02 ANOS**

**FILIAÇÃO:** Marion Cristiana Rodrigues e Giovani Camargo da Rosa

“Quero ir na escolinha, mãe, brincar com meus coleguinhas”, disse Giovani Camargo da Rosa Filho, 2 anos e 9 meses, à sua mãe. Por causa da irmã que estava com hepatite – doença contagiosa - Giovani tinha ficado oito dias sem ir à creche.

Naquela terça-feira, Marion Cristina Bitencourt Rodrigues (45) perguntou ao filho se ele preferia ir para a escola ou para o trabalho dela. Giovani optou pela escola. Se Marion pudesse adivinhar, nunca teria feito a pergunta.

Ao deixar o filho na sala do Maternal 2, ela entregou o laudo médico sobre o resultado negativo para Hepatite, o qual a estagiária dobrou e colocou no bolso. “Pedi que cuidasse bem dele, mesmo que ele não estivesse com nada, e ela me falou ‘Pode deixar, mãe. Está comigo, está com Deus’”, relembra Marion, que tem em sua memória a última imagem do filho, dando ‘tchau’ para ela.

Marion ficou sabendo da tragédia através de seu irmão e logo correu até o local. Sem entender o que estava acontecendo, caminhou por todo canto da escola, atrás de seu filho. Com os pés descalços, sangrando muito por causa dos cacos de vidros - estourados pelo fogo -, só perguntava: “Cadê meu filho?!”

Em uma sala, foram chamados os pais do Maternal 2. No local já estavam os médicos do município com calmantes e sedativos para injetarem nas mães que não aguentassem a informação que estava por vir. Marion, cansada de procurar, resolveu sentar-se em um pneu, debaixo de uma árvore, e começou a vomitar - sintoma comum em situações de nervosismo. Até que sua tia chegou com a informação: “Não adianta mais procurar, minha filha”. Marion insistiu: “Acharam ele?” E a resposta foi: “Ele se queimou muito e não aguentou”. A mãe desmaiou.

\*\*\*

O choque nunca mais deixou Marion como antes. Nas primeiras semanas, ela não queria sair da cama nem mesmo para comer ou tomar banho. Ficou totalmente desestruturada a ponto



Marion e os três filhos: Sara, hoje com 24 anos, Lucas, com 20, e Giovani, de camiseta listrada  
Foto: Arquivo Pessoal

de chegar a dormir os primeiros dias no cemitério. O afastamento da família e dos amigos foi automático, já que a convivência com eles aumentava a dor por lembrar a época em que o filho estava vivo. Hoje consegue seguir em frente, administrando, como pode, a dor. “Bem nunca mais vou estar, carrego um vazio que jamais será preenchido. Mas levo a vida como Deus quer”, desabafa.

Como se não bastasse a perda do filho, Marion enfrentou também a do marido – que morreu logo depois do incêndio. Não sabendo lidar com tamanha tristeza, resolveu ir embora de Uruguaiana para se reconstruir e tentar uma vida nova. Atualmente mora em Candiota com seus filhos e enfrenta uma luta diária contra o câncer, no qual descobriu há cinco anos. Frequentemente puxa da memó-

ria as lembranças felizes do que passou com o pequeno Giovani, evocando o brilho que ele tinha em seu olhar, que enchia o coração de alegria.

Por mais que tente, contudo, não consegue esquecer aquele dia nem perdoar as responsáveis. “As culpadas apenas prestaram serviços comunitários. Onde está a punição?”, questiona a mãe, inconformada com as decisões da justiça.



### A ESPERANÇA DE TER JOÃO VIVO

**JOÃO FERNANDES  
PRATES DA SILVA  
02 ANOS**

**FILIAÇÃO:** Sandra Emília Prates da Silva e Auri Pires da Silva

Cabeleireira há 27 anos, Sandra Emília Prates da Silva (51) estava trabalhando no salão de sua propriedade, que era localizado no Centro, quando recebeu a ligação avisando sobre o fogo na creche. Imediatamente largou tudo. No local estava um casal de filhos: uma menina de 6 anos e um menino de 3 anos. “Deixei a porta do meu estabelecimento aberta e pedi para a primeira pessoa que encontrei na rua que me levasse para a creche”, relata. Ao chegar na Casinha da Emília, viu seu marido e seu irmão debruçados em uma árvore, balançando a cabeça baixa, inconformados.

Sandra furou o cordão de isolamento e logo se dirigiu ao refeitório, onde que estava a promotora, Guacira Corrêa, com a lista

dos nomes não encontrados e falecidos da tragédia do Maternal II. A esperança de resgatar seu filho era tão grande que não conseguia raciocinar, e logo interpretou que aquela seria a lista de reconhecidos encontrados. Chegou a pular ao ler João Fernando Prates da Silva, e gritou no meio dos familiares: “Eu sabia: meu filho é forte, ele ia conseguir abrir aquela porta, meu filho está vivo. Olha aqui!”. Passados alguns minutos, Sandra foi amparada e precisou escutar o que mais temia. “Mãe, mãe, mãe: essa lista é dos que foram reconhecidos mortos”, explicou Guacira.

\*\*\*

Passados três dias da tragédia, Sandra não pensava em outra coisa. “Eu corri dias e dias à procura de respostas e justiça”,



João Fernando  
Foto: Arquivo pessoal

relembra. A mãe até hoje acusa as autoridades de a terem feito assinar um documento às cegas. Como resultado, segundo ela, lhe tiraram o direito de ser representada por um advogado, além de fazerem-na pactuar com a informação equivocada sobre a data do julgamento. “Como vou aceitar que a promotora me tire o direito de colocar um advogado e mentir a data do julgamento?”, questiona, indignada. “Em nenhum momento eu queria dinheiro, eu apenas queria saber o que tinha acontecido com as crianças dentro daquela sala de aula”, ressalta.

Foi difícil entender o que acontecia, na época; é difícil lidar com o que ficou de saudade, ainda hoje. A morte do pequeno João afetou a saúde de todos. A família passou por sérios problemas de depressão e se mantém com remédios controlados, além de ter que lidar com problemas cardíacos. A irmã do menino, que também estava na escola, ficou traumatizada e desenvolveu síndrome do pânico. Entretanto, Sandra lamenta que a família não teve apoio psicológico e médico suficiente para que pudesse, de



Sandra sente-se feliz ao recordar os momentos que passou com o filho  
Foto: Bruna Falcão

alguma maneira, melhorar seu estado emocional. “A avenida Presidente Vargas brilha hoje, onde eles gastam milhões e milhões. Eles só vêm nas nossas casas mentir, dizer que vão fazer algo e não fazem nada. Não temos nenhum apoio ou assistência”, afirma.

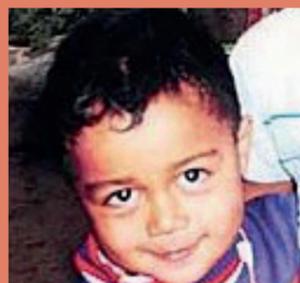
Desde a perda do filho, Sandra emagreceu 20 quilos. Sentia um vazio, diariamente, em seu peito. Ainda hoje se entristece pensando que se a vida de seu filho não tivesse sido cortada, ele seria um

homem forte e valente, como se mostrava desde pequeno. Apesar de fragilizada, ela segue na luta. Precisa ser forte para acompanhar os netos. Passou a trabalhar em casa, para onde transferiu seu salão de beleza. “Eu tenho 55 anos, mas é como se eu estivesse beirando os 80”, compara. “Eu acredito muito em Deus e sigo lutando pelo meu filho e pelas outras crianças. Cortou o que eu mais queria, mas eu ainda consigo lutar”, garante.



**ANDRIELE MARQUES MOURA**  
03 ANOS

**FILIAÇÃO:** Roselaine Marques de Moura e Heber Jesus de Abreu de Moura



**CARLOS MIGUEL DE SOUZA MIRANDO**  
03 ANOS

**FILIAÇÃO:** Isabel Cristina Serrano de Souza



**KÉTHELEN KARLYANI ALFARO PIATROWSKI**  
03 ANOS

**FILIAÇÃO:** Liz Andréia dos Santos Alfaro



**LUANA FERNANDES OLIVEIRA**  
02 ANOS

**FILIAÇÃO:** Valdirene Fernandes Rodrigues e Edson Miguel Brazeiro Oliveira



## NATIELE NÃO FOI BUSCADA PARA A CONSULTA

**NATIELE MONTANHA SANTANA**  
02 ANOS

**FILIAÇÃO:** Clenir dos Santos Montanha e Itamar Rezende Santana

Ao saber da tragédia através de um vizinho, Clenir gritava, desesperada. A cada passo que dava para chegar ao local em busca de sua filha, a aflição aumentava. Impedida de entrar na creche por um dos policiais e sem notícias de Natiele Santana, aos prantos falava: “O pior dia da minha vida!”. A cada instante a indagação crescia, já que as informações não correspondiam à cena que era assistida. “Eles enganavam a gente, diziam que não tinha acontecido nada de grave e que estavam no hospital. Na hora eu só olhei para a promotora Guacira e disse ‘Essa Lei é suja, vocês são sujos!’”, relembra.

No momento em que a notícia mais devastadora chegou, os pais



A perda da filha lhe trouxe problemas de saúde até hoje

se abraçaram e tentaram confortar uns aos outros. Com a vida praticamente destruída depois da partida da filha, Clenir não tinha mais perspectivas para seguir em

frente. “Eu não queria saber de mais nada. Fiquei um cadáver, tomava muito medicamento, ficava perambulando pela casa”, descreve. Em seguida veio a separação, já que culpava diversas vezes o então marido pela morte da menina, pois no dia Natiele tinha consulta médica agendada e ele esqueceu de buscá-la.

A família passou por assistência médica, psicológica e psiquiátrica, por um ano. “Reuniram todos os pais no clube da Cohab e estavam lá os psicólogos e psiquiatra. Eles falaram para cada um que quem quisesse ajuda, eles iriam atender. Eu tive acompanhamento e as minhas filhas também”, relata. O tratamento foi de grande valia para ajudar na compreensão do problema e a lidar com a nova realidade. Mas



Clenir: fotos e brinquedos que ficaram de Natiele  
Fotos: Bruna Falcão

não teve continuidade. As doenças, contudo, prosseguiram. Clenir sofre de insônia e depende de medicamentos para dormir. Também enfrenta sérios problemas na coluna.

\*\*\*

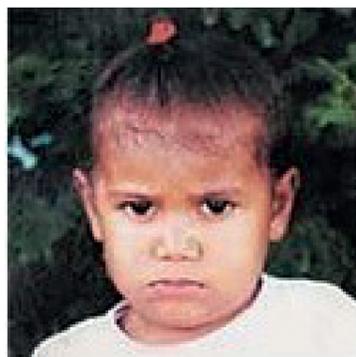
Além das dores, a saudade. Sentimento que fica mais forte quando Clenir olha os brinquedos preferidos da filha, que guardou com todo o cuidado: dois ursinhos de pelúcia e uma boneca. Por ser a filha mais apegada, Natiele tinha o costume de acompanhar a mãe no preparo da janta. “Se eu estivesse cozinhando, ela estaria junto comigo. Parece que eu estou vendo: em cima de um banquinho, na beirada da pia, enquanto eu corto a cebola”, projeta. “Tudo ela queria



Na imagem, a lembrança de Natiele brincando com o pai  
Foto: Arquivo Pessoal

ajudar. Ela não saía de perto de mim. Sempre falava: ‘Mãe, já terminou? Agora me dá um colo’, conta. Clenir optava sempre por

conversar com ela no colo, enquanto a comida ficasse pronta, para que ela pudesse jantar antes de dormir.



## MARGARIDA PERDEU A CAÇULA

### PAOLA DA SILVA DOS SANTOS 2 ANOS

FILIAÇÃO: Santa Margarida Silva e Iris César dos Santos

Com consulta marcada para aquele dia, Santa Margarida Silva (58) ficou surpresa ao não ser atendida, já que estava grávida de sete meses. “Bah, dona Santa, hoje a senhora não vai poder consultar” – falou uma atendente da Unidade Básica de Saúde -16. “Mas por que?” - perguntou Margarida. “Houve um incêndio na creche Casinha da Emília” – disse a atendente.

Margarida não pensou duas vezes e correu os 650m que separam o local da creche, pensando em suas duas filhas e falando, repetidamente: “Meu Deus do céu, não é possível!”. No ímpeto de

vencer a distância, acabou esquecendo de pegar pela mão o menino Thales, de quem era babá; mas ele a acompanhou direitinho, correndo, até a creche.

Ao chegar no local, a maioria dos familiares era recebida com as informações imprecisas. Muitos ficavam rezando e chorando ou entravam em desespero. “A gente não queria acreditar. Mesmo não encontrando, queria ter esperança que tivesse bem”, relembra Margarida. A notícia da perda de sua filha Paola da Silva, 3 anos, a caçula entre seus sete filhos até o momento, deixava o vazio no peito.



Última foto de Paola, ao lado da irmã Pâmela.

\*\*\*

Assim como as outras mães que ficaram órfãs de filhos, Margarida tenta juntar forças para seguir a vida depois do incêndio “Foi muito difícil, não sei nem como estou aqui, mas Deus me dá forças”, considera. Retornou para casa somente depois de 15 dias e precisou se superar para seguir lutando pelos outros seis filhos que ainda dependiam dela. Ao mesmo tempo, tentava, de todo o jeito, amenizar aquela dor desmedida. Uma das alternativas foi unir forças com Ângela Maria, avó do menino Ruggiere Ferreira Poitevin, também vítima da tragédia. Foi uma atitude de extrema importância, pois dividir com alguém os sentimentos comuns a ambos - como raiva, desânimo e tristeza - pode ajudar na reestruturação.

Com muita dificuldade para se adaptar à vida sem a caçula, Margarida ainda colocava um prato a mais na mesa na hora do jantar – demorou para deixar de lado o hábito. Dos pertences da filha, conserva a bolsinha predileta de Paola, três vestidos e um livro de palavrinhas com que ela gostava

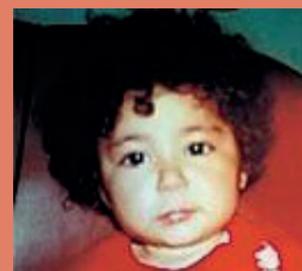


Santa Margarida com uma das únicas fotos que tem de sua filha  
Foto: Bruna Falcão

de brincar. Ressalta ainda uma curiosidade: “Quando um neto meu faz aniversário, sempre acabava virando um refrigerante e eu falo ‘É ela que anda junto aqui!’”.

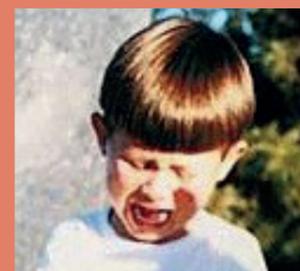
Depois do incêndio nenhum familiar de Paola passa mais pela rua da escola. É trajeto tirado do mapa. Margarida desenvolveu pânico de fogo, hipertireoidismo e hipertensão. Atualmente, mora

com a filha Pamela Catarina Silva dos Santos (24) e o neto Nathanael Santiago Silva (4), e considera que a sociedade assistiu e esqueceu o fato, pois a tragédia aconteceu na periferia. “Eram tudo filho de pobre, ninguém iria se preocupar conosco. Nunca ninguém se importou com isso, até hoje nada. Só Deus pra se cobrar pela gente”, opina.



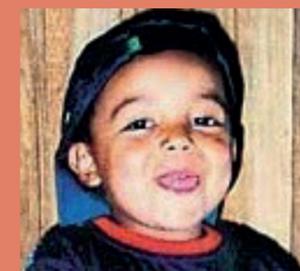
MÁRCIA ISABELE  
FLORES  
GONÇALVES  
03 ANOS

FILIAÇÃO: Carla Rosélia Melo Flores e José Valdecir Gonçalves



MICHAEL  
LEONARDO DA  
SILVA FREITAS  
03 ANOS

FILIAÇÃO: Maria Cândida da Silva Freitas e Valdecir Ferrador de Freitas



RUGGIERI  
FERREIRA  
POITEVIN  
03 ANOS

FILIAÇÃO: Liz Andréia dos Santos Alfaro



TACIANE  
RODRIGUES  
BATU  
03 ANOS

FILIAÇÃO: Santa Marta Canto Rodrigues e Roberto Pestegui Batu

## O QUE MUDOU DEPOIS DA TRAGÉDIA



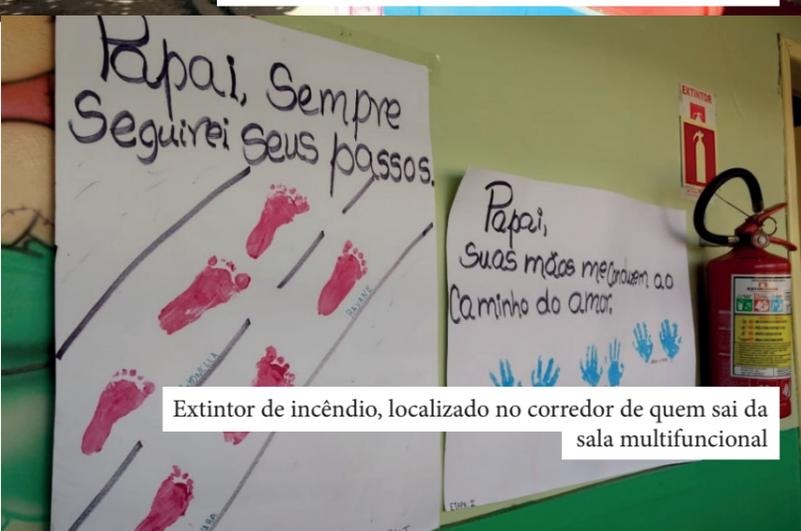
Frente da Casinha da Emília atual



Placas de sinalização de saídas no hall da Escola



Todas as salas de aula possuem ar-condicionado, nunca mais foi utilizado aquecedor elétrico na dependência da Escola



Extintor de incêndio, localizado no corredor de quem sai da sala multifuncional

O incêndio na creche Casinha da Emília representou um daqueles casos em que o alerta às autoridades, infelizmente, decorre de uma grande tragédia. Passados 20 anos do episódio - a serem completados em 2020 -, algumas medidas foram tomadas e muita coisa mudou em se tratando de cuidados com a vida das crianças.

O nome da creche passou a ser Escola de Educação Infantil (EMEI) Casinha da Emília. Atualmente tem capacidade para 211 alunos matriculados, distribuídos em sete salas, no qual seis dessas são para turno parcial e apenas uma para integral.

Na época do incêndio, a creche tinha 117 crianças matriculadas, distribuídas no mesmo número de salas de hoje em dia, e 71 alunos estavam no local na hora do incêndio. O Maternal 2, possuía 18 alunos, e destes 13 se faziam presente no dia da tragédia. O prefeito Neito Bonotto suspendeu as aulas até que o prédio fosse reconstruído, o valor da reforma foi de aproximadamente R\$30 mil.

A única sala integral é a destinada à Etapa II e III, chamada de Etapa mista, onde ficam crianças de 1 a 3 anos, sob cuidados de uma professora regente e de uma auxiliar pedagógica, ambas concursadas. Além disso, na chamada "hora do soninho", duas professoras são convocadas para ficarem com as crianças, sendo pagas apenas para zelar por elas, sem autorização para deixarem a sala, em momento algum desse expediente.

Segundo a atual diretora da Casinha da Emília, Ana Salete Nogueira Flores (55), houve um avanço na Educação Infantil depois da tragédia. Atualmente todos os funcionários da instituição são concursados, nenhuma criança fica mais sozinha e medidas protetivas foram adotadas. "Desde que cheguei aqui, em 2008, muitas coisas mudaram para melhor. Infelizmente teve que acontecer uma tragédia para algumas coisas mudarem. Nunca, desde que assumi a direção, vi um aquecedor elétrico e também nenhum pai fala sobre o acontecido", comenta.

O local onde ficava a sala em que ocorreu o incêndio virou um jardim, com gramas e flores, até 2012, quando o projeto de Gabriela Fernandes, que era coordenadora pedagógica na época, junto com a professora

orientadora Cláudia Cristina Pasqualotto e com apoio do então secretário da Educação Delmar Kaufmann, transformou o espaço em sala Multifuncional. Lá são realizadas diversas atividades educacionais. "As crianças são tocadas de forma positivas dentro da sala: fazem visitas toda a semana e a aprendizagem acontece de forma lúdica, algo significativo para elas. É uma maneira de ter vida e alegria naquela sala. É o momento de celebrar a vida", considera a vice-diretora, Edila Pereira de Pereira.

A sala Multifuncional possui brinquedos e diversos elementos pedagógicos, além de uma mesa disposta no centro, onde acontecem reuniões. Contudo, o ambiente não possui o mesmo espaço de antes, está maior e a porta principal, que era de madeira, agora é toda de vidro quadriculado. Além disso, a sala passou por grandes reformas e continua localizada no mesmo lugar que antes.

Quanto à presença de estagiários, segundo o secretário Educação, Emerson Barreto Ortiz, tanto eles quanto os professores passam por processo seletivo ou concurso. "Atualmente os professores passam por uma formação que é contínua, a longo prazo. Os contratos dos estagiários são semestrais e, no máximo, de dois anos. Então, de seis em seis meses, se renova e, quando entram, fazem um curso preparatório", salienta.

A Casinha da Emília hoje tem alvará de funcionamento com validade até 13/12/2023 e, portanto, atende a todos os quesitos de prevenção contra incêndios. Ela ainda está localizada no mesmo espaço. Além disso, teve sua estrutura reformada, passando a dispor de portas com acessibilidade e ar-condicionados. Está prevista sua ampliação para os próximos anos.



Atuais vice-diretora e diretora da Cheche Casinha de Emília  
Foto: Arquivo Pessoal



Fundos da sala multifuncional, que dispõe diversos brinquedos para as crianças



Interior da sala multifuncional  
Fotos: Bruna Falcão

Segundo o Comandante do Corpo de Bombeiros de Uruguaiana, Ivaldo Jorge Trindade, o alvará - atualmente com validade de cinco anos - apenas minimiza as chances de acontecer alguma tragédia. “O alvará significa que aquele lugar tem a instalação das medidas de segurança mínimas de acordo com a legislação, e se acontecer algum princípio de incêndio ele vai ser solucionado no momento, mas não quer dizer que não vai incendiar. Ele minimiza as chances de acontecer alguma coisa”, explica.

O comandante considera que há três fases relacionadas à evolução do Plano de Prevenção Contra Incêndios (PPCI), associadas, em analogia, aos níveis de ensino escolar. O primeiro PPCI seria equivalente à fase fundamental no ano de 1997, da época do incêndio na creche. Depois passou para o ensino médio e, somente em 2013, com a tragédia da Boa-

te Kiss, o nível de prevenção evoluiu para superior. Nota-se que houve um desenvolvimento nos PCCIs, mas somente após grandes tragédias.

As medidas de proteção contra incêndio somente ganharam fôlego após a tragédia da Boate Kiss, em Santa Maria, em 27 de janeiro de 2013, que matou 242 pessoas. Depois da Kiss, os brasileiros mudaram seu comportamento em lugares públicos, a maioria ficando atenta às saídas de emergência e à existência de extintores em espaços públicos, como casas noturnas, shoppings, prédios e restaurantes.

Mas ainda assim alguns não sabem como agir em caso de emergência. Por esse motivo, o Comandante Jorge ressalta a importância do treinamento de evacuação em situações de risco. “O que mata no incêndio muitas vezes não é nem o incêndio, e sim como a pessoa reage diante



Ivaldo Jorge Comandante do Corpo de Bombeiros de Uruguaiana  
Foto: Bruna Falcão

dele, porque tem pessoas com diferentes reações, por isso é sempre necessário que a pessoa faça algum treinamento de evacuação”, salienta.



Senadora Emília Fernandes, ao se pronunciar sobre o incêndio na creche Casinha da Emília  
Foto: Agencia Senado

que das sete creches, somente uma possuía extintor de incêndio.

A Senadora Emília Fernandes (PT-RS) leu em plenário o pronunciamento sobre as vítimas, lamentando profundamente a tragédia e salientando a importância de as políticas públicas atuarem em prol da segurança das crianças. Registrou o nome das 12 vítimas: Nathiele Montanha Santana, 2 anos; João Fernando Prates da Silva, 3 anos; Ruggiere Ferreira Poitevin, 3 anos; Carlos Miguel de Souza Miranda, 3 anos; Geovani Camargo da Rosa Filho, 2 anos; Márcia Elisabete Flores Gonçalves, 3 anos; Luana Fernandes Oliveira, 2 anos; Michael Leonardo da Silva Freitas, 3 anos; Taciane Rodrigues Batu, 3 anos; Andriele Marques de Moura, 3 anos; Paola da Silva dos Santos, 2 anos; e Kethelen Karlyni Piatrowski, 3 anos.

Em seu pronunciamento, a senadora também fez questão de ler o artigo escrito pela escritora

## O COTIDIANO E O HORROR

Lya Luft, publicado em 21/06/2000, no jornal Zero Hora

“Fim de tarde normal de trabalho no computador, a voz de minha netinha ressoa na sala ao lado, rindo e falando rápido a sua encantadora linguagem. O telefone toca, e nesse cotidiano sossegado - às vezes a gente se queixa de que tudo está certinho demais, queremos mais do que milagres algumas vezes -, a notícia corta como uma máquina demoníaca abrindo feridas, rasgando carnes e almas. Uma creche no interior do Estado incendeia-se e morrem 12 criancinhas de dois a três anos. Doze corpinhos torturados e calcinados, 12 vezes gritos desesperados de quem não entende o inferno na sala onde deviam estar protegidas e amadas... Doze mães enlouquecidas, 12 famílias dilaceradas. Onde estavam as pessoas que deviam cuidar delas, os funcionários a quem essas vidas estavam confiadas?”

Que segurança têm as casas onde deixamos esses pedaços de nossas vidas? Que segurança têm as nossas vidas? Nunca estamos preparados para o horror, e ele cai no nosso cotidiano morno e organizado, como o pé de um gigante diabólico que a tudo esmaga, e as carnes tão doces se despedaçam e queimam e desmancham. Os cabelinhos de seda, as mãozinhas gordas, devoradas pelo monstro da nossa máquina insana. O mundo ordenado explode e desmorona e escurece e silencia, só ouvimos os gritos das criancinhas sendo queimadas

como bichos, enquanto pais e mães as imaginavam protegidas e amadas.

Sinto no colo o corpo de cada uma das criancinhas, seu cheiro de leite e sabonete e ternura, sua doçura e sua inocência, e seu desamparo absoluto. Uma notícia dessa choca cidade, o Estado, o país e o mundo. Em qualquer lugar, na China, na Rússia, na Inglaterra, as pessoas se sobressaltam e querem correr para casa e abraçar as crianças que amam e certificar-se de que estão bem.

Haverá talvez lugares onde essa desgraça chocaria menos? Penso nas notícias que me chegam da África onde criancinhas morrem de fome às dezenas, centenas, todos os dias, e no nosso Nordeste, onde morrem mansamente de fome e doença, e nas favelas, com balas perdidas. E minha dúvida é se - nesta nossa civilização doente - em todo lugar essa notícia causaria o mesmo horror sem palavras a que estou neste momento querendo dar voz.

Não falo dos responsáveis, sobre estes só posso me calar, e certamente há responsáveis. Jamais haverá desculpa ou explicação para 12 criancinhas morrerem queimadas numa creche - a que foram confiadas! - sem ajuda. Falo de nós, de que a qualquer momento, além da nossa capacidade de prevenir e de proteger, pode desabar sobre nossas vidas o horror, e mastigar e devorar e engolir e cuspir na nossa cara o fato de que somos desprotegidos - e só o cotidiano nos impede de enlouquecer.”

## REPERCUSSÃO DO FATO À ÉPOCA

### Rolim critica sistema de creches municipais

O deputado federal, Marcos Rolim (PT), da Comissão de Direitos Humanos da Câmara Federal esteve segunda-feira, em Uruguaiana, para visitar e conhecer o funcionamento e instalações de sete creches municipais. Rolim diz que leva para Brasília as piores impressões destas instituições. Ele concluiu depois das visitas que fez, que houve “negligência política administrativa” na administração

da Creche Casinha da Emília, onde morreram 12 crianças no dia 20 deste mês. Rolim levou em mãos um relatório de uma visita a Uruguaiana que será entregue para a Comissão dos Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. O deputado petista aponta no relatório que existem precariedades em seis creches municipais, e revela que não há condições de segurança nestes locais. Também chamou a

atenção do deputado gaúcho, a presença de uma menina de 14 anos trabalhando como estagiária de uma creche. “São crianças cuidando de crianças”, denuncia Rolim. O mais grave, segundo Rolim, é a política utilizada pelo prefeito Neito Bonotto, que mantém na maioria do quadro funcional, diretoras, atendentes e estagiárias de creches com cargos de confiança, ou seja, as vezes

atuam com pouca, ou sem nenhuma qualificação. Na visão do deputado Rolim, só existe um caminho para a prefeitura, assumir a responsabilidade política da tragédia. Ainda na opinião de Rolim, a “Casinha da Emília”, não pode ser recuperada para funcionar como creche, e sim ser demolida e no local da tragédia construído um Memorial para as crianças mortas no incêndio.

### MANIFESTAÇÕES PARLAMENTARES

A tragédia gerou grande repercussão na imprensa nacional, acendendo um alerta nas autoridades e na sociedade. Durante aquela semana, o incêndio foi o assunto principal dos veículos de comunicação e órgãos públicos.

O presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados, Marcos Rolim (PT-RS), divulgou uma nota oficial mostrando a indignação sobre o acontecido e visitou Uruguaiana para acompanhar as investigações do incêndio. Nesse encontro, Rolim acompanhou as vistorias nas creches da cidade, quando verificou

Imagem: Notícia publicada no jornal Cidade

#### Na visita do Deputado Marcos Rolim a Uruguaiana, percorreu seis creches Irregularidades constatadas:

**Creche Tia Nina/ Vila Tarragô**  
matriculadas: 90 crianças  
- Não há extintor ou qualquer outro recurso de segurança  
- Os funcionários nunca receberam qualquer orientação específica sobre segurança ou prevenção a acidentes ou sinistros.

**Creche Saci Pererê/ Luiz Quevedo**  
matriculadas: 126 crianças  
- Superlotação evidente  
- A diretora não se encontrava no local  
- Não há extintor nem qualquer outro recurso de segurança

**Creche Vovó Chica/Profilurb**  
Matriculadas: 98 crianças  
- Há uma situação melhor no que tange à manutenção dos brinquedos

**Creche C.A.I.C./ São Cristóvão**  
Matriculadas: 150 crianças  
- O prédio é ideal e foi concebido especificadamente para receber crianças

**Creche Cinderela/Mascarenhas de Moraes**  
Matriculadas: 86 crianças  
- A creche conta com apenas uma professora  
- Não há acessos laterais ou pelos fundos  
- As instalações não são apenas inadequadas. São também perigosas

**Creche Pupileira/Boa Vista**  
Matriculadas: 55 crianças  
- Não há hoje sequer um professor nesta creche  
- Apresenta problemas de ventilação, iluminação, é úmido e perigoso.

gaúcha Lya Luft, chamado O Cotidiano e o Horror, com base na tragédia.

Os parlamentares também se articularam para auxiliar na reconstrução da creche. A Assembleia Legislativa, em 2000, repassou R\$ 10 mil à prefeitura de Uruguaiana com esse intuito. O pedido de verba foi feito pelo prefeito à época, Neito Bonotto, com a intermediação do deputado Frederico Antunes (PP-RS).

Em 2003, o prefeito Luiz Carlos Repiso Riela (PTB), foi condenado a três anos de detenção por desvio de recursos públicos. Durante o seu mandato de 2001 a 2004, o ex-prefeito deixou de aplicar verbas do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (Fundef), no qual eram destinados para melhorias da educação pública.

Riela acabou não prestando contas da execução orçamentária das verbas repassadas pelo Fundo. Contudo, usou este recurso para realizar a construção do jazigo para as 12 vítimas, no cemitério, já que era um pedido das famílias. Caio foi afastado da política e cumpriu a pena parcialmente, ficando apenas 10h na penitenciária de Uruguaiana, nos finais de semana.



Imagem: Notícia publicada no O jornal de Uruguaiana

Anos depois, em 2017, o fato ainda mostrava gerar repercussão. A Câmara Municipal de Guaíba citou o incêndio na creche ao se referir às tragédias ocorridas no Rio Grande do Sul por falta de fiscalização. O texto integrou um requerimento dos vereadores que pedia um cronograma de vistoria dos Bombeiros nas escolas estaduais, municipais e particulares da cidade.

Na Catedral Sant'Ana, foi realizada a missa de sétimo dia, onde o Bispo Diocesano Dom Domingos Salvador rezou o terço da Mãe Peregrina. Depois milhares de pessoas acompanharam os familiares até uma pequena capela

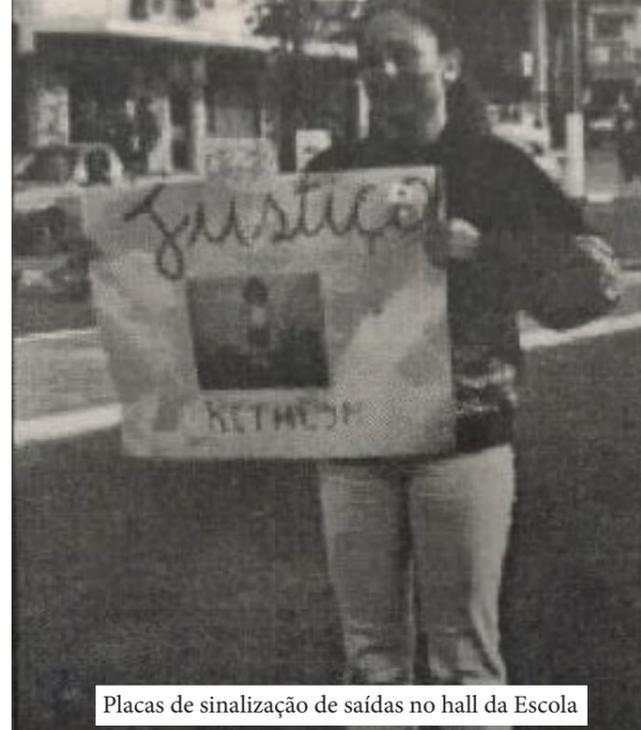
localizada na Cohab II, em que foram reunidas várias crianças parentes das vítimas, em frente ao altar. Cada uma delas significava uma vítima, uma forma de homenagem as 12 crianças mortas no incêndio.

Manifestações e pedido de justiça expressaram aquela semana depois do incêndio. A busca por respostas tomava grande proporção. A imprensa local e nacional divulgava informações a respeito das investigações, do inquérito, da movimentação e sofrimento dos familiares. “Se explorou muito o assunto em diversos jornais da cidade. Lembro que aconteceu uma homenagem rápida, teve uma ou outra forma de protesto. Foram dias muito pesado em Uruguaiana”, relembra o repórter Fábio Puget, que na época trabalhava para um jornal local.

Ainda assim, Fábio salienta que assunto como estes são os mais vendidos nas bancas. “Naquele dia, eu e meu colega fotógrafo, Jairo de Souza, coletamos todo o material e corremos para a redação para fechar a reportagem. O jornal possuía gráfica própria, então largamos 5 mil impressões para rua e ainda faltou”, recorda.



Corrente humana em frente à 1ª Delegacia de Polícia



Placas de sinalização de saídas no hall da Escola



Sandra Prates à frente das manifestações  
Imagens: O jornal de Uruguaiana



Mães em busca de respostas pela tragédia  
Imagem: O jornal de Uruguaiana/Jairo de Souza



Pais de Natiele e Luana, não conseguiram conter a emoção durante as manifestações

## COBERTURA MIDIÁTICA

A cobertura jornalística realizada sobre o fato tomava grandes proporções na imprensa brasileira. Apesar de as redes sociais estarem recém se popularizando no país, os maiores veículos de comunicação intensificaram as notícias sobre a tragédia na Internet. Um exemplo foi o jornal Folha de S. Paulo, que produziu, no total, 12 matérias sobre o assunto.

Tragédias de repercussão nacional têm potencializada sua carga emocional com a ampliação da cobertura para além do território de origem do fato. A exploração do episódio se acentua, mediante o interesse dos grandes periódicos e meios eletrônicos. Fontes de informação, autoridades e especialistas são especulados à exaustão nesse tipo de caso. A notícia, na mídia digital, ganha em brevidade, gerando ainda mais impacto junto ao leitor, com as várias versões apresentadas a partir da atualização das informações.

20/06/2000 - 20h32

### Funcionários de creche que pegou fogo no RS são afastados

da **Folha Online**, em São Paulo

Os 18 funcionários da creche municipal Casinha da Emília, em Uruguaiana (RS), que pegou fogo na tarde desta terça-feira (20) matando 12 crianças entre 2 e 3 anos, foram afastados segundo informações do Jornal Nacional.

A creche ficava na vila popular Cohab 2, e era composta de crianças filhas de famílias de baixa renda.

De acordo com os bombeiros de Uruguaiana (634 km a oeste de Porto Alegre), a causa provável do incêndio foi um curto-circuito em uma das estufas (aquecedor de ambiente) que estavam ligadas na sala principal do prédio.

Ainda de acordo com o Jornal Nacional, será aberto um inquérito administrativo para investigar as causas reais do acidente. A Polícia Civil também está estudando o caso.

Leia mais notícias de cotidiano na Folha Online

Discuta esta notícia nos Grupos de Discussão da Folha Online

20/06/2000 - 21h19

### Na hora do incêndio, funcionária de creche do RS teria saído do quarto para fazer mamadeira

da **Folha Online**, em São Paulo

Uma das funcionárias da creche municipal Casinha da Emília, localizada em Uruguaiana (RS), teria saído da sala para fazer mamadeira quando um dos quartos, com treze crianças dentro, começou a pegar fogo. As informações são da Rádio CBN.

Um incêndio na tarde desta terça-feira (20) matou 12 crianças com idade entre 2 e 3 anos. Apenas uma teria conseguido abrir a porta e fugir.

De acordo com os bombeiros de Uruguaiana (634 km a oeste de Porto Alegre), a causa provável do fogo foi um curto-circuito em uma das estufas (aquecedor de ambiente) que estavam ligadas na sala principal do prédio.

A creche ficava na vila popular Cohab 2, e era composta de crianças filhas de famílias de baixa renda.

O enterro das crianças mortas será realizado amanhã (21), de maneira coletiva. O horário ainda não foi divulgado.

Leia mais notícias de cotidiano na Folha Online

Discuta esta notícia nos Grupos de Discussão da Folha Online

21/06/2000 - 12h29

### Polícia faz perícia em creche onde morreram 12 crianças

da **Folha Online**

A polícia técnica fez uma perícia na manhã desta quarta-feira (21) na Creche Municipal Casinha da Emília, no Cohab II, onde morreram carbonizadas 12 crianças com idades entre 1 e 3 anos em Uruguaiana, no interior do Rio Grande do Sul.

Dois promotores e três delegados acompanharam a perícia. A polícia acredita que a queda de um aquecedor elétrico que estava preso ao teto tenha causado o incêndio. A porta do quarto que pegou fogo não estaria trancada.

As 12 crianças foram enterradas nesta manhã no Cemitério Municipal de Uruguaiana. O prefeito decretou três dias de luto na cidade.

O delegado Ives Abreu Trindade da Silva, que preside o inquérito, afirmou que o acidente foi uma tragédia, mas contou com a negligência de funcionários.

As informações são da Globo News.

05/07/2000 - 17h12

### Laudo aponta que roupa que caiu sobre estufa causou incêndio no Rio Grande do Sul

LÉO GERCHMANN, da Agência Folha, em Porto Alegre

PUBLICIDADE

Laudo sobre o incêndio que causou a morte de 12 crianças na creche Casinha da Emília, em Uruguaiana (fronteira do Brasil com a Argentina, no Rio Grande do Sul), no último dia 20, aponta que uma roupa caiu sobre a estufa (aquecedor de ambiente) colocada no chão da sala e provocou a tragédia.

Esse fato reforça a convicção da delegada Raquel Peixoto, da 2ª Delegacia de Uruguaiana, de que houve negligência no incidente, o que justificaria o indiciamento dos responsáveis por homicídio culposo.

O atestado foi entregue à delegada pelo Instituto Geral de Perícias. "A peça de tecido caiu sobre a estufa, que superaqueceu, causando a ignição do fogo", disse ela, com o laudo pericial em mãos.

Além disso, a apuração técnica constatou que as crianças, de 2 e 3 anos, morreram asfixiadas, não tendo, portanto, sentido dor ao serem atingidas pelo fogo, nem conseguido gritar por ajuda, por estarem entorpecidas.

"Quando o fogo chegou até as crianças, elas já estavam em estado semi-inconsciente, não tinham noção do que estava acontecendo, devido ao excesso de monóxido de carbono", afirmou a delegada.

17/07/2000 - 15h20

### Quatro pessoas serão indiciadas por homicídio no caso da creche no RS

da Agência Folha, em Porto Alegre

Quatro pessoas serão indiciadas por homicídio culposo em razão do incêndio que causou a morte de 12 crianças na creche Casinha da Emília, em Uruguaiana (fronteira do Brasil com a Argentina, no Rio Grande do Sul), em 20 de junho.

A convicção da delegada Raquel Peixoto, que hoje divulga oficialmente o relatório do inquérito, foi reforçada pela conclusão pericial de que uma roupa caiu sobre a estufa (aquecedor) colocada no chão da sala.

De acordo com a delegada, houve negligência no incidente, o que justifica o indiciamento dos quatro responsáveis por homicídio culposo.

A perícia constatou, também, que a porta não estava trancada no momento do incêndio, mas, devido ao calor, dilatou-se e ficou emperrada.

O inquérito será entregue ao Ministério Público, que pode apresentar denúncia ou pedir mais investigações (diligências) à polícia.

"Além de as crianças terem sido deixadas sozinhas com uma estufa, já havia ocorrido um incidente no ano passado. A estufa provocou um princípio de incêndio. É evidente a negligência", disse a delegada, da 2ª Delegacia de Polícia de Uruguaiana, que divulgará apenas hoje a identidade dos quatro indiciados.

18/07/2000 - 19h05

### Diretora e serventes de creche no Rio Grande do Sul são indiciadas por homicídio culposo

LÉO GERCHMANN, da Agência Folha, em Porto Alegre

A diretora da creche Casinha da Emília, Carmem Lopes, a servente Iara Maria Ribeiro e as estagiárias Ana Luíza Villela e M.C.M. foram indiciadas nesta terça pela delegada Raquel Peixoto, da 2ª Delegacia de Polícia de Uruguaiana (divisa com a Argentina, no Rio Grande do Sul), por homicídio culposo em razão do incêndio que causou a morte de 12 crianças no último dia 20.

"Quero deixar claro que houve apenas um indiciamento. Não houve ainda um julgamento. Acompanhei de perto o sofrimento dos parentes das vítimas e também das pessoas que foram indiciadas. Não dá para crucificá-las, elas estão sofrendo muito pelo que ocorreu, não houve intenção", disse a delegada.

O Ministério Público tem 15 dias para apresentar denúncia ou pedir mais esclarecimentos à polícia. De acordo com a própria delegada, como o ministério acompanhou todo o inquérito, isso deve ocorrer antes do fim do prazo.

A Agência Folha não conseguiu ouvir as indiciadas.

A convicção da delegada foi reforçada pela conclusão pericial de que uma roupa caiu sobre a estufa (aquecedor) colocada no chão da sala. De acordo com Peixoto, houve negligência no incidente, o que justifica os indiciamentos.

Além disso, a apuração técnica constatou que as crianças, de 2 e 3 anos, morreram asfixiadas, não tendo, portanto, sentido dor ao serem atingidas pelo fogo, nem conseguido gritar por ajuda, por estarem entorpecidas.

A perícia constatou, também, que a porta não estava trancada no momento do incêndio, mas, devido ao calor, dilatou-se e ficou emperrada.

IMAGEM 1:

Reprodução de trecho de notícia publicada no jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2855.shtml>

IMAGEM 2:

Reprodução de trecho de notícia publicada no jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2863.shtml>

IMAGEM 3:

Reprodução de trecho de notícia publicada no jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u2910.shtml>

IMAGEM 4:

Reprodução de trecho de notícia publicada no jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u3081.shtml>

IMAGEM 5:

Reprodução de trecho de notícia publicada no jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u4961.shtml>

IMAGEM 6:

Reprodução de trecho de notícia publicada no jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u5082.shtml>

## DRAMAS CAUSADOS PELO FOGO

### Os maiores incêndios do Brasil antes de Santa Maria

A tragédia da boate Kiss, em Santa Maria (RS), entra para a história brasileira como o maior incêndio dos últimos 50 anos - e o segundo maior no país em vítimas fatais

Por Amanda Previdelli  
© 29 jan 2013, 19h18



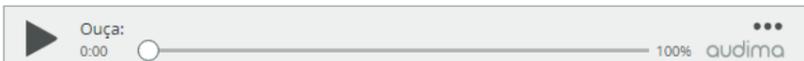
São Paulo – O **incêndio** na boate Kiss, em Santa Maria, no **Rio Grande do Sul**, chocou o Brasil: são 231 mortes confirmadas (a maioria por asfixiamento dentro da casa lotada e com apenas uma saída) e dezenas de feridos – muitos ainda em estado grave. A tragédia foi a segunda maior do Brasil em número de vítimas fatais.

Confira outros 9 grandes incêndios que comoveram o país e também terminaram com muitas vidas perdidas:

#### Tribuna do Leitor

### Sobre incêndio na creche Padre Montezuma

05/03/2015 - 07h00



A Prefeitura Municipal de Pederneiras comunica à população que todas as atividades educacionais prestadas pela Escola Municipal de Ensino Infantil Emei

### Segurança ateia fogo em creche de Janaúba e mata crianças e professora

Damião Soares dos Santos, de 50 anos, também ateou fogo no próprio corpo e morreu no hospital. Dezenas de pessoas ficaram feridas.

Por Adriana Lisboa, Marina Pereira e Juliana Peixoto, G1 Grande Minas  
05/10/2017 10h22 - Atualizado há 2 anos



### Princípio de incêndio assusta funcionários e alunos de creche na Baixada

CATARINE BARRETO © 16/04/2019 12:48 - ATUALIZADO EM 18/04/2019 19:00

O incêndio na creche Casinha da Emília é citado entre os mais impactantes do Brasil, ficando atrás apenas do da boate Kiss, segundo o levantamento realizado pela revista Exame, em janeiro de 2013.

Os casos de incêndios em escolas de Educação Infantil no Brasil e no mundo chamam a atenção. Em 2013, uma creche de Itaquaquecetuba, em São Paulo, teve uma sala totalmente destruída pelo fogo após de um ato de vandalismo. Com 350 alunos matriculados, nenhum saiu ferido. No ano de 2015, um curto-circuito no ar condicionado da Escola Municipal de Ensino Infantil Casa Padre Montezuma, em Pederneiras, também no estado paulista, deixou quatro salas totalmente destruídas. Na hora do incêndio estavam no local 78 crianças, que foram retiradas às pressas. Outro incêndio ocorreu em 2016, em uma escolinha na zona Norte de São Paulo, com grandes proporções, resultando no comprometimento total do prédio. Não havia crianças no momento.

Vale ressaltar ainda a tragédia, em 2017, na creche Gente Inocente, em Janaúba, Minas Gerais, onde o vigia ateou fogo no local e matou 10 crianças, três professoras e ele próprio, deixando outras gravemente feridas. As famílias ainda aguardam o pagamento das indenizações - caso similar ao dos familiares das vítimas da Casinha da Emília. Os sobreviventes sofreram graves queimaduras e lutam por cuidados especiais até hoje.

Em 2018, a creche Tia Socorro, em Guararapes, no Recife, foi atingida pelo fogo enquanto estava fechada. A escola, que é sustentada por doações, atendia 54 crianças. Já em 2019, até o início de novembro, três creches haviam sofrido incêndios no país. Em Rondonópolis, no Mato Grosso, a creche Jonas Cavalcanti abrigava 130 crianças no momento em que pegou fogo. Uma extensa área da construção foi destruída, mas todos saíram ilesos. A creche municipal Luzia Amélia No-

nato, na capital gaúcha, incendiou fora do horário de funcionamento; ninguém estava no local. Na creche Escola Desembargador Sebastião Amaro da Silva Machado, na Baixada Campista, alunos e funcionários levaram um susto depois da explosão de uma televisão provocada por um curto-circuito. Uma das professoras denunciou a precariedade da estrutura do prédio, a falta de extintores e de saídas de emergência.

Em outros países igualmente ocorrem tragédias impactantes envolvendo fogo. Em setembro de 2019, nos Estados Unidos, cinco crianças morreram, com idades entre 8 meses e 7 anos, em decorrência de um incêndio em uma creche noturna na Pensilvânia. Quatro delas eram irmãos.

Também em setembro de 2019, em uma escola de Monróvia, capital da Libéria, 26 alunos e dois professores morreram em decorrência de um incêndio enquanto dormiam. Antes, em 2009, no México, 47 crianças perderam a vida intoxicadas após uma creche da cidade de Hermosillo pegar fogo. As chamas se alastraram rapidamente devido ao telhado ser revestido por poliuretano, um tipo de polímero altamente inflamável e tóxico.

**IMAGEM 1:** Reprodução de trecho de notícia publicada na revista Exame. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/os-maiores-incendios-no-brasil/>

**IMAGEM 2:** Reprodução de trecho de notícia publicada no jornal JCNET. Disponível em: [https://www.jcnet.com.br/opiniaotribuna\\_do\\_leitor/2015/03/289154-sobre-incendio-na-creche-padre-montezuma.html](https://www.jcnet.com.br/opiniaotribuna_do_leitor/2015/03/289154-sobre-incendio-na-creche-padre-montezuma.html)

**IMAGEM 3:** Reprodução de trecho de notícia publicada no G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/grande-minas/noticia/guar->

### Incêndio em creche deixa 5 crianças mortas nos EUA

Vítimas tinham idades variando de 8 meses a 7 anos. Autoridades investigam causas do incidente.

AP Por Associated Press  
11/08/2019 18h54 - Atualizado há 2 meses



### Incêndio em escola mata 26 crianças e 2 professores

As vítimas foram surpreendidas pelo fogo enquanto dormiam

Por AFP  
18/09/19 - 18h42



quinta-feira, 25 de junho de 2009 - 15h52 Atualizado em quinta-feira, 25 de junho de 2009 - 15h52

### Procuradoria assume investigação sobre incêndio em creche no México



Da Redação, com informações da Ansa |

A Procuradoria do México assumiu as investigações do incêndio de uma creche em Hermosillo, capital do estado de Sonora, que causou a morte de 47 crianças no último dia 5.

O procurador-geral da República, Eduardo Medina Mora, assegurou que serão

[da-de-creche-em-janauba-ateia-fogo-em-criancas-deixando-mortos-e-feridos.ghtml](#)

**IMAGEM 4:** Reprodução de trecho de notícia publicada no Folha 1. Disponível em: [http://www.folha1.com.br/\\_conteudo/2019/04/geral/1246984-principio-de-incendio-assusta-funcionarios-e-alunos-de-creche-na-baixada.html](http://www.folha1.com.br/_conteudo/2019/04/geral/1246984-principio-de-incendio-assusta-funcionarios-e-alunos-de-creche-na-baixada.html)

**IMAGEM 5:** Reprodução de trecho de notícia publicada no G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/11/incendio-em-creche-deixa-crian->

[cas-mortas-nos-eua.ghtml](#)

**IMAGEM 6:** Reprodução de trecho de notícia publicada no jornal O Tempo. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/mundo/incendio-em-escola-mata-26-criancas-e-2-professores-1.2238420>

**IMAGEM 7:** Reprodução de trecho de notícia publicada no site da Band. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/tv/noticias/152500/procuradoria-assume-investigacao-sobre-incendio-em-creche-no-mexico.html>



## EXPEDIENTE

“Reportagem Especial Casinha da Emília: as chamas que ainda ardem”

Novembro, 2019

Projeto Experimental em Jornalismo / Trabalho de Conclusão de Curso II

Curso de Jornalismo - Universidade Federal do Pampa / Campus São Borja

Orientação: Prof. Dr. Miro Bacin

Reportagem e edição: Bruna Falcão

Projeto gráfico e diagramação: Cristiano Ritzel